VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV
AO URUGUAI, À ARGENTINA E AO PERU
6-17 DE NOVEMBRO DE 2026

VIGÍLIA DE ORAÇÃO

DISCURSO DO SANTO PADRE

Estádio «Centenario», Montevidéu
Sábado, 7 de novembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs, querido Uruguai, boa noite! Muito obrigado!

Dou graças a Deus pela oportunidade de estar aqui convosco. Agradeço também ao Cardeal Sturla, Arcebispo de Montevidéu, pelas palavras de boas-vindas que me dirigiu, bem como à Federica, ao Giovanni e à família Gutiérrez Hernández pela franqueza com que partilharam os seus testemunhos. Sei que por trás do que se pode ver numa breve viagem há anos inteiros de fidelidade. Penso nas famílias que transmitiram a fé; nos sacerdotes e consagrados que doaram as suas vidas; nos leigos – muitos deles jovens – que sustentam as suas comunidades e em tantas pessoas que se colocam ao serviço dos outros por amor a Deus. Obrigado por levardes a presença de Jesus Cristo a tantas vidas. Ele escolheu-nos para que fôssemos e déssemos fruto (cf. *Jo* 15, 16), e talvez grande parte desse fruto permaneça onde nós próprios nem sequer conseguimos ver. A Igreja agradece-vos profundamente.

Estar convosco nesta noite permite-me partilhar uma reflexão sobre algo que muitas comunidades cristãs experimentam hoje em dia: o avanço da secularização e de uma indiferença religiosa cada vez mais generalizada. Em muitos lugares, a fé deixou de ser transmitida naturalmente como nas gerações anteriores e cresce o número dos que passam grande parte da vida sem uma relação habitual com a Igreja ou com a prática religiosa. Os crentes que habitam no Uruguai tiveram de aprender a viver e a anunciar a sua fé neste contexto, como pudemos ouvir nesta noite. Por isso, o vosso testemunho pode ajudar irmãos e irmãs que noutras partes do mundo começam a descobrir, de diferentes maneiras, o que significa ser uma minoria. Porém, mesmo nestas circunstâncias, há quem persevere: pais que rezam com os seus filhos, professores que procuram viver a fé e testemunhá-la, jovens que descobriram Cristo

e desejam segui-lo mesmo quando se sentem sozinhos; há comunidades que continuam a reunir-se e sacerdotes que percorrem grandes distâncias para levar os Sacramentos aos fiéis. Ao pensar em tudo isto, recordei-me repetidamente duma pequena cidade bíblica: Belém.

O profeta Miqueias tinha-a chamado de «pequena entre as famílias de Judá» (5, 1); São Mateus, por sua vez, dirá: «De modo nenhum és a menor» (2, 6). Belém continuava a ser pequena. Nada tinha mudado no seu tamanho e importância política. Belém talvez nos possa ensinar algo sobre esta realidade: quando somos poucos, quando as forças diminuem ou quando constatamos que a nossa presença social já não é a mesma, existe o risco de começarmos a julgar a nossa situação com critérios muito humanos. O Evangelho convida-nos a olhar a realidade de outra forma. Deus escolheu Belém, e essa escolha é suficiente para que não identifiquemos pequenez com insignificância.

Basta pensar na Eucaristia: o Senhor do universo presente sob as humildes aparências do pão e do vinho! Essa mesma lógica divina manifesta-se já no seu nascimento. São Lucas conta-nos que, chegada a hora do parto, não havia lugar para eles (cf. 2, 7). Estava tudo ocupado. Talvez possamos ver nesta frase uma imagem da indiferença atual. A vida enche-se de ocupações, afetos, projetos e distrações, até que a ausência de Deus deixa de ser entendida como privação. É possível chegar a viver sem o procurar e, mais ainda, sem nos apercebermos do quanto precisamos d'Ele.

Ainda assim, Cristo vem, mas a casa está cheia. Dentro não há lugar e Ele acaba por ser colocado numa manjedoura. Pouco depois, Herodes, incapaz de suportar um reinado que não controla, tentará eliminá-lo. Há algo em Belém que continua a repetir-se: Deus pode ser considerado desnecessário e a fé relegada à esfera privada, como se nada tivesse a contribuir para a vida em comum. Quando se pretende construir um mundo sem Deus, corre-se o risco de deixar também o homem sem lugar. Mas nada disso altera a realidade: aquele Menino é Deus e vem para *nos* salvar. E nesse "nos" estamos todos, porque a indiferença também pode entrar, pouco a pouco, na vida daqueles que creem.

Belém põe-nos diante de uma questão muito simples: há lugar para Ele? Lugar no nosso tempo, nas nossas lógicas, nos nossos lares; lugar para o ouvir, para receber o seu perdão, para nos deixarmos corrigir pela sua Palavra. Precisamos de manter Cristo no centro da nossa vida através da oração, da Missa, da Confissão e da leitura meditada do Evangelho. Todos temos de voltar, uma e outra vez, a ser discípulos. Se queremos que os outros encontrem Cristo, é necessário conhecermos pessoalmente o caminho para Belém.

Alguns Reis Magos, que tinham visto um astro ao longe, também foram a Belém. Não eram especialistas nas Escrituras, não sabiam onde terminaria a sua viagem e nem sequer conseguiam explicar aquilo que procuravam. Mas aquela luz despertou neles

uma inquietação que os levou a pôr-se a caminho. Queridos amigos, vós, com humildade e simplicidade, podeis refletir a luz de Cristo nas vossas vidas. Talvez haja pessoas que nunca abrem uma Bíblia por iniciativa própria, que há anos não entram numa igreja ou nem sequer sabem dizer se acreditam em Deus. Mas, vendo-vos, pode despertar nelas o desejo e a busca de Deus; podem descobrir que vale a pena arriscar a vida.

Amigos, jovens, ousai dar esse passo, casando, formando uma família. Não tenhais medo do "para sempre"! Esposos, abri o vosso lar à vida, mesmo quando o mundo vos disser que um filho é um fardo. Se alguém perceber que Cristo o chama – vos chama! – a deixar tudo para O seguir no sacerdócio ou na vida consagrada, não ignore esta voz por medo de perder outras possibilidades. Quando ser justo e honrado tiver um preço, pagai-o. Quando perdoar parecer uma derrota, perdoai. Quando todos vos disserem para pensardes primeiro em vós próprios, não tenhais medo de ser os últimos; sede capazes de dedicar tempo, dinheiro, conforto e projetos para servir aos outros. Que quem olhar para vós possa perguntar-se: "Porque é que vivem assim? De onde lhes vem esta liberdade? Porque é que se amam tanto?".

A estrela que os Reis Magos viram não era a meta final. A sua missão era conduzi-los até Belém, onde Cristo se encontra. Se a nossa vida suscitar perguntas, ela terá dado fruto quando essas perguntas levarem alguém a Jesus. Para muito iluminar, não é preciso sermos muitos, mas refletir a luz do Senhor.

São Lucas leva-nos agora a outra cena: uns pastores que passam a noite a cuidar dos seus rebanhos. Não seguiram a estrela, não empreenderam nenhuma viagem nem parecem estar à procura de nada. Estão simplesmente no meio da sua vida, a fazer o que costumavam todas as noites. E é precisamente aí que Deus vai ao seu encontro: «Não temais, pois *anuncio-vos uma grande alegria*, que o será para todo o povo» (*Lc* 2, 10). É neste anúncio que se inspira o lema da minha viagem entre vós: *Anuncio-vos uma grande alegria!*

Essas palavras devem ocupar sempre um lugar central na vida da Igreja. As boas notícias precisam de testemunhas. E nós recebemos uma que merece ser proclamada ao mundo: Jesus Cristo! O Filho de Deus fez-se homem! É Deus conosco!

Por causa d'Ele, sabemos que o pecado pode ser perdoado. Podemos acompanhar quem está a morrer e dizer-lhe que a sua vida não terminará no nada. Podemos oferecer pão e vinho no altar e receber o seu Corpo e Sangue. Podemos dizer aos que caíram: "Levanta-te, sempre podes recomeçar". Vede o que nos foi confiado! Jesus Cristo é a nossa esperança! A sociedade pode encontrar noutras instituições muitas coisas valiosas, mas nenhuma delas pode substituir o anúncio de que o amor de Deus é mais forte que a morte, o ódio, a violência, a guerra e o pecado. Esta é a alegria que trazemos, esta é a alegria que o Papa vos vem recordar.

Reparemos que o anjo acrescenta que tal alegria é destinada a "todo o povo". Não diz "para aqueles que estavam à espera", nem "para aqueles que são perfeitos". Algumas pessoas, como os Reis Magos, já estão à procura e devemos acompanhá-las no seu caminho. Outras, pelo contrário, como os pastores de Belém, não estão à procura de nada. Para elas, essa alegria tem que ir ao seu encontro no meio da sua noite.

Os pastores, depois de ouvir o anúncio, disseram uns aos outros: «Vamos a Belém» (*Lc* 2, 15). Lá, encontraram Maria, José e o Menino. O evangelista acrescenta que regressaram aos seus campos «glorificando e louvando a Deus» (*Lc* 2, 20). Voltaram ao mesmo trabalho, aos mesmos caminhos, provavelmente aos mesmos problemas. Mas já não eram os mesmos. Tinham encontrado Cristo.

Queridos amigos, que este nosso encontro seja para vós como Belém, para que possais regressar às vossas vidas de uma forma diferente! Que Cristo entre verdadeiramente naquilo que fazeis, que amais, que escolheis e também naquilo que ninguém vê. Sede santos! Não vos contenteis com uma vida simplesmente correta, nem com uma fé de costume que se satisfaz com o indispensável. Não ofereçais a Deus apenas uma parte de vós, mas entregai-vos por inteiro! Ser santo significa ser homens e mulheres que transbordam a abundância de vida em Cristo, livres e autênticos; pessoas cuja vida torna desejável um "sim" convicto ao amor, à verdade e à felicidade. Não tenhais medo de aspirar a isso. Cristo não nos chamou à mediocridade, chamou-nos a uma vida nova e plena como a sua.

Queridos irmãos e irmãs, querido Uruguai: que todos percebam que estivemos em Belém; que Cristo vive e que o encontro com Ele faz a diferença! O mesmo Jesus que nasceu em Belém, que morreu e ressuscitou, vive para sempre e permanece conosco. Cristo está presente verdadeiramente na Eucaristia e espera-nos. É muito bonito pensar que Belém significa precisamente "casa do pão"! Foi ali que nasceu quem se entregaria a nós como Pão da Vida. E hoje, em cada sacrário, podemos continuar a encontrar-nos com Ele, tão próximo e humilde. Procurai-o ali, na adoração eucarística. Falai-lhe como a um amigo e deixai-vos olhar por Ele.

Coloquemos também a nossa vida sob a proteção de Nossa Senhora dos Trinta e Três. Ela, a Estrela da Manhã que nos leva para junto do seu Filho, nos ensine a reconhecê-lo e a segui-lo. Peçamos ao Senhor a graça de responder sempre ao seu chamamento como Ela fez: "Eis-me aqui, Senhor, eis o teu servo, a tua serva, faça-se em mim a tua vontade!"

Muito obrigado